

Universidade federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras

A VERIFICAÇÃO DA VERDADE EM UOL CONFERE: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Mateus da Silva Dias

Rio de Janeiro

2022

Mateus da Silva Dias

A VERIFICAÇÃO DA VERDADE EM UOL CONFERE: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Souza Gomes

Rio de Janeiro

2022

Dias, Mateus da Silva.

A verificação da verdade em Uol Confere: uma análise semiótica / Mateus da Silva Dias- 2022. 31 f.

Orientador: Regina Souza Gomes

Monografia (graduação em Letras habilitação Português-
Literatura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cen-
tro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f.28.

1. Semiótica. 2. Verificação. I Mateus/ Dias II- Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2022) III. A
verificação da verdade em Uol Confere: uma análise semiótica.

Sumário

Introdução	5
Pressupostos teóricos	7
Análise das notícias.....	15
Considerações finais.....	26
Bibliografias.....	28

Lista de quadros

Quadro 1: Rótulos de verificação da Agência UOL Confere.....	17
Quadro 2: Correspondências entre os rótulos do UOL Confere e as categorias tensivas da veridicção	17
Quadro 3: Catalogação do <i>corpus</i> com as notícias recolhidas do Uol Confere	19

Lista de figuras

Figura 1: Print da página da notícia “Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da Covid”	23
Figura 2: Print da notícia “Comparar mortes em 2020 e 2021 indica ineficácia de vacina”.	23
Figura 3: Print de fragmento da matéria “Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da covid”	23
Figura 4: Print de fragmento da notícia “É enganoso que a vacinação ampliou a taxa de mortalidade por Covid-19”	26
Figura 5: Print de fragmento da notícia “Frase de Nobel de medicina é distorcida para favorecer ‘tratamento precoce’”	28
Figura 6: Print da matéria “Susana Vieira não declarou apoio a Bolsonaro; atriz já criticou governo”	30

INTRODUÇÃO

O problema da verdade é cada vez mais discutido, principalmente, com o avanço da internet, um meio em que as informações circulam com mais facilidade e velocidade. Nesse sentido, o ambiente virtual se tornou um potencial divulgador de notícias falsas e elas têm alcançado um espaço maior do que os que ocupam os meios de comunicação ditos tradicionais. Esse efeito está relacionado com a pós-verdade, em que a emoção e a crença são mais importantes do que os fatos em si. Essa reconfiguração característica desse fenômeno atravessa e suscita discussões em diversas áreas do conhecimento, pois nela há um rompimento com saberes antes consolidados seguido da predominância de uma postura individualista e emocionalmente seletiva da concepção de verdade, confundindo ciência com impressões, fato com ponto de vista e experimento com intuição, o que colabora para ascensão de discursos

mentirosos, como afirma Barros, ao examinar o conceito de verdade para Semiótica, a partir de uma reinterpretação de outras perspectivas teóricas:

O conceito de verdade examinado, em diferentes perspectivas teóricas da pós-modernidade, da globalização, da modernidade líquida de Bauman ou da tardia de Giddens, pode ser aqui recuperado e reinterpretado. Simplificadamente, no quadro da veridicção, pode-se entender a pós-verdade como resultante de interpretação baseada, sobretudo ou apenas, nas crenças e emoções e sentimentos do destinatário interpretante. Dessa forma, por mais absurdo que pareçam, os discursos cujos valores estiverem de acordo com as crenças e sentimentos do destinatário serão por ele considerados verdadeiros. Quando a interpretação só leva em conta as crenças e emoções do destinatário que a interpreta, está preparado o solo em que germinarão os diferentes discursos baseados na mentira (BARROS, 2019, p. 5).

Nesse contexto de pós-verdade, como o explicado acima, notícias com conteúdo falso adquirem ampla divulgação, caracterizando-se até como um fenômeno nas redes sociais que é investigado pela imprensa. Isso é sinalizado por Gomes (2019, p.3): “O problema é tão grave que tem levado ao surgimento de mecanismos de verificação das notícias por órgãos da imprensa (Agência Lupa, Fake News, Uol Confere, Boatos.org. etc.)”. Sendo assim, é pertinente que se questione sobre os critérios que essas agências utilizam para julgar as informações disseminadas em abundância nas redes sociais e as estratégias enunciativas para fazer crer em seu julgamento. Primeiro, porque faz parte do ambiente virtual esse problema da verificação da verdade, já que esse ambiente possui suas características e condições específicas que dificultam a análise; segundo, porque esses mecanismos de verificação possibilitam determinar a ideia do dizer verdadeiro concebida pela agência. Nesse sentido, essa pesquisa tem como tema a concepção da verdade do Uol Confere, órgão de verificação escolhido, e ela está pautada na teoria semiótica de linha francesa que propõe uma abordagem metodológica de análise de textos.

O Uol Confere foi escolhido para essa pesquisa, por causa de sua singularidade em checar as informações, o que será mais detalhado na seção de análise. Por enquanto, cabe dizer que o *corpus* contém 10 notícias, recolhidas no mês de outubro e novembro do ano de 2021. Em cada uma delas, há uma descrição dos conteúdos considerados falsos e um detalhamento da investigação. Esses elementos permitiram identificar os recursos e os critérios que a agência utiliza para caracterizar as *Fake News*, a fim de investigar a ideia de verdade contida nas aferições do Uol Confere. Nessa perspectiva, buscou-se analisar a concepção de veridicção da agência por meio da análise qualitativa das notícias do órgão de verificação. Além disso, procurou-se verificar a recorrência dos mecanismos e estratégias de investigação utilizados

pelo órgão de verificação com a finalidade de compreender o processo de construção da verdade dentro do discurso. Nesse sentido, essa análise colabora para a identificação do contrato veridictório contido nessas notícias, possibilitando caracterizar a ideia do dizer verdadeiro para a agência, a qual também possui valores e crenças compartilhados com seus leitores e que, ao fazer o trabalho de investigação, acaba por relacioná-los com as notícias verificadas. Portanto, essa pesquisa permite compreender o processo de construção da verdade dentro do discurso e colabora na categorização dos critérios utilizados para desmascarar *fake News*, evidenciando a importância que se tem em delimitar e determinar as abordagens de investigação no que diz respeito à linguagem.

Para atingir todos os objetivos apontados, primeiramente, será desenvolvido o conceito de veridicção; segundo, a explicação dos recursos argumentativos; em seguida, o processo de julgamento da verdade do ponto de vista da abordagem tensiva da Semiótica, para dar conta de algumas variantes presentes nas aferições do Uol Confere e uma breve caracterização da estrutura das notícias. Por último, a análise que foi feita e as considerações finais com os resultados e a confirmação ou não das hipóteses que serão explicitadas na próxima seção.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Nesta seção, haverá explicações sobre os conceitos que fundamentaram a análise, para que fique clara a metodologia aplicada durante a pesquisa. Nesse sentido, serão explicados os princípios teóricos da Semiótica e, em seguida, conceitos mais pertinentes à análise que será desenvolvida nesta monografia, que são: veridicção, argumentação (e os recursos mais frequentes no *corpus*). Por último, serão explicitadas a estrutura das notícias e a metodologia aplicada. Assim, ficará mais claro o tipo de abordagem feita e as análises do *corpus* investigado.

As hipóteses a serem verificadas estão relacionadas aos seguintes problemas de pesquisa:

1. Nas aferições do órgão de verificação há uma sobreposição dos recursos inteligíveis em relação aos sensíveis?

2. A estratégia mais utilizada pelo enunciador está vinculada aos valores compartilhados nas notícias?
3. O núcleo temático das investigações está diretamente relacionado com as ideias defendidas pelo enunciador do Uol Confere?

Essas hipóteses serão averiguadas segundo as interações enunciativas instauradas no discurso, por meio da identificação dos recursos empregados no discurso pelo sujeito da enunciação.

1.1. A Semiótica discursiva

A teoria semiótica de base francesa estuda os processos e mecanismos de construção do sentido no texto. Para isso, a análise “parte do pressuposto de que os textos possuem uma lógica subjacente geral” (GOMES; MANCINI, 2007) e propõe três níveis de abstração que formam o que a teoria chama de percurso gerativo de sentido. São eles: fundamental, narrativo e discursivo. Como funciona esse percurso gerativo do sentido? Essa proposição teórica também orienta os caminhos metodológicos de análise. Fiorin explica esse conceito: “O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo.” (FIORIN, 2018, p. 20). É válido acrescentar que todo esse processo e essa lógica pressuposta pertencem ao plano do conteúdo do texto, visto que nele se encontram as constantes analisadas pela semiótica.

Gomes (1996, p. 30) sintetiza essas informações, afirmando que “A teoria semiótica encara o texto como uma articulação desses três níveis (fundamental, narrativo e discursivo) que se superpõem e constituem o processo gerador do sentido do texto”. Portanto, é feita uma análise interna do texto, o que faz dele um objeto de significação, sem desconsiderar os fatores externos, como o contexto histórico, o dialogismo (relação com outros textos) e as condições de produção, pois a teoria também o considera como objeto de comunicação. Sendo assim, o sentido do texto é construído mediante uma análise interna e externa. Explicando melhor, em outras palavras: “Para explicar “o que o texto diz” e “como o diz”, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto (BARROS, 2005, p. 12).

Voltando aos níveis do percurso gerativo, pode-se resumir o que é cada um desses deles, indicando as categorias que são observadas e o modo como elas se relacionam no texto. Como já dito, o primeiro nível é o fundamental, em que “são determinadas as categorias elementares que estruturam o texto, a partir de operações de negação e asserção representadas operacionalmente no quadrado semiótico” (GOMES, 1996, p. 29). O segundo é o nível narrativo, em que as categorias elementares são organizadas segundo o ponto de vista de um sujeito. A análise do nível narrativo deverá identificar sujeitos e objetos e as ações dos sujeitos na busca dos valores inscritos nos objetos” (*Idem*). O terceiro é o nível discursivo, em que as estruturas narrativas são assumidas por um sujeito da enunciação, que as transforma em estruturas discursivas, deixando marcas no discurso enunciado.” (GOMES, 1996, p. 30) Este último é o nível em que a pesquisa está centrada, visto que nele estão presentes os procedimentos sintáticos como as debreagens, que instauram as categorias de tempo, pessoa e espaço e semânticos como a tematização e figurativização.

Antes de explicar os dois procedimentos citados acima, é preciso delimitar a categoria de pessoa no processo de enunciação, uma vez que sua compreensão é fundamental para entender que a subjetividade é um elemento inerente à linguagem. Como afirma Fiorin (2016, p. 36)

A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Assim, o *eu* não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente linguístico, ou seja, ao “ato de discurso individual em que *eu* é pronunciado e designa seu locutor” (BENVENISTE, 1966: 261-262). O fundamento da subjetividade está no exercício da língua, pois seu único testemunho objetivo é o fato de o *eu* enunciar-se (BENVENISTE, 1966: 261-262)

Nesse contexto, para que esse *eu* se enuncie, projete-se como uma instância no enunciado, o produto da enunciação, são necessárias três categorias que colocam o conhecimento da língua em relação ao ato individual da fala. São eles: a pessoa, o tempo e o espaço. (*Idem*) Portanto, “a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do *ego, hic et nunc*” (*Idem*). Então, como é que essas categorias são instauradas no discurso?

Elas são instauradas por meio de dois mecanismos: a debreagem e a embreagem. No entanto, essa pesquisa só se deterá ao primeiro porque foi o conceito que fundamentou a análise da pesquisa. Sendo assim, “a debreagem é a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si, no momento da discursivização, certos termos ligados

à sua estrutura de base com vistas à constituição de elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo.” (FIORIN, 2016, p. 37) Em outras palavras, a enunciação se projeta no enunciado, deixando marcas que podem ser recuperadas no exame do próprio enunciado. (GOMES E MANCINI, 2007) A debreagem pode ser enunciva ou enunciativa. Através desta, “o sujeito da enunciação projeta um *eu-aqui-agora* que produz um discurso em 1ª pessoa, simulando o espaço e tempo em que o discurso é enunciado, criando o efeito de sentido de subjetividade.” (*Idem*, p. 7) Através daquela, “é projetado *ele-alhures-então*, produzindo um discurso em 3ª pessoa, além de um espaço e tempo não coincidente ao da enunciação, produzindo o efeito de sentido de objetividade.” (*Idem*) Como pode ser observado nos dois exemplos retirados do *corpus*:

Susana Vieira não declarou apoio a Bolsonaro; atriz já criticou o governo

O post com alegação falsa sobre Susana Vieira foi publicado em um grupo pró-Bolsonaro na quarta (20), e tinha mais de 13 mil compartilhamentos até o fim da manhã de hoje. (Uol Confere, 26/10/2021, p. 1)

“Não acreditem em tudo o que está na internet ... Recebi várias mensagens sobre declarações minhas no *Facebook* que eu não tenho, que eu NUNCA falei e que eu NÃO concordo inclusive!! Estejam atentos! *Fake news* existem e são repassadas como verdade! Que absurdo!!!” (*Idem*, p.4)

No primeiro texto, transcrito do Uol Confere, há uma debreagem enunciva, apesar do advérbio (hoje) que só pode ser interpretado em relação ao tempo da notícia (26/10/2021), pois “há a instalação de uma 3ª pessoa” (fala-se de um post), “o tempo passado observado pelos verbos” (foi publicado e tinha) e “um outro lugar” (em um grupo pró-Bolsonaro). (GOMES E MANCINI, 2007). No segundo texto, há uma debreagem enunciativa por conta da instalação da primeira pessoa apreendida nos morfemas verbais (recebi e falei), o uso do tempo no presente por meio dos verbos (acreditem e concordo) e uma projeção de um *aqui* (na internet).

Nesse procedimento sintático de debreagem é que está a interação entre enunciador e enunciatário, sujeitos implícitos e responsáveis pela construção da verdade no discurso. Como melhor explicado por Gomes e Mancini (2007, p. 7):

Constitutivas da existência do homem no mundo e de toda a linguagem, as relações entre sujeitos, que no nível narrativo se estabeleciam entre um destinador e um destinatário, se transformam, no nível discursivo, no diálogo entre enunciador e enunciatário, frequentemente identificados com a produção e interpretação do discurso, respectivamente. Aparentemente em oposição, essas instâncias se conjugam, mesmo em tensão, como parceiras na responsabilidade pela construção do enunciado.

Outro mecanismo de instalação de pessoas no discurso é a debreagem interna, que também é explicada pelas duas autoras citadas acima:

Outra possibilidade de utilização desse tipo de procedimento é o emprego de debreagens internas, estabelecendo simulacros de diálogos nos textos para criar o efeito de sentido de verdade, construindo um jogo de vozes. Ou marcada através do diálogo e da citação ou não demarcada, diluída através de procedimentos como a retomada de conteúdos de outros discursos e traços do plano da expressão de outros textos, essa multiplicidade de vozes simula, então, o diálogo consensual ou polêmico que travam na sociedade os diversos sujeitos que assumem diferentes ideologias, determinados pelo lugar sócio-histórico que ocupam.

A debreagem interna pode ser exemplificada na mesma notícia já exemplificada anteriormente (Susana Vieira não declarou apoio a Bolsonaro; atriz já criticou o governo):

Em maio deste ano, em entrevista ao jornal O Globo, a atriz foi perguntada se apoiava o governo Bolsonaro e declarou que não aprovava “nada do governo de agora.”

Em nova conversa com a publicação, em setembro, Susana foi questionada sobre sua avaliação do governo Bolsonaro e respondeu: “não posso ser a favor de qualquer governo que seja pró-armas, uma coisa que detesto.”

No primeiro trecho, o narrador projeta a voz da Susana Vieira com o recurso das aspas. Isso permite criar uma distância do enunciador em relação ao que está sendo dito e “ressalta particularidades de expressão, maneiras de dizer, com vistas a caracterizar o ator cujo discurso o narrador analisa.” (FIORIN, 2018, p. 68) No segundo trecho, o narrador há um exemplo de debreagem interna ou de segundo grau, pois “cria a unidade discursiva denominada discurso direto e cria um efeito de sentido de verdade. Com esse efeito, o discurso direto proporciona ao enunciatário a ilusão de ouvir o outro, ou seja, “verdadeiras” palavras (*Idem*, p. 67)

Portanto, esse jogo de vozes presentes no texto é que tecem, no nível discursivo, as relações entre enunciador e enunciatário. Neste, é que se encontra o contrato fiduciário responsável pelo processo de veridicção dos textos, que será delimitado na próxima seção.

1.2. O conceito de veridicção: a verdade como processo

O problema da verdade no senso comum está na correspondência de um dito com a realidade a qual ele se refere. Portanto, esse é um sentido ontológico do verdadeiro, em que se julga o dito através de aspectos que o sustentem no universo biossocial. No entanto, a teoria Semiótica trata a verdade como um efeito construído no discurso, visto que, para essa teoria, a linguagem e o mundo não estão diretamente relacionados, mas fazem uma interrelação na qual a linguagem organiza o mundo. (FIORIN, 2018)

A Semiótica estuda e sistematiza os efeitos de verdade. Esta é uma construção que envolve um contrato fiduciário mediado por um fazer persuasivo do enunciador e um fazer interpretativo do enunciatário. Então, segundo essa linha teórica, a verdade é concebida como uma construção discursiva. Nesse sentido, não se trata mais de ser verdade, mas de parecer verdadeiro, por isso o julgamento dessa veridicção se desenvolve por meio de modalidades, na relação do ser e do parecer. A partir disso, surgem as seguintes avaliações: verdadeiro (parece e é), falso (não parece e não é), secreto (não parece e é) ou mentiroso (parece e não é). Essas avaliações decorrem dos valores compartilhados entre os actantes do enunciado, ou seja, as estratégias que o enunciador utiliza para fazer com que o enunciatário aceite esses valores(GOMES, 2019)

A veridicção também envolve as modalidades epistêmicas no que diz respeito aos sujeitos participantes do contrato fiduciário, visto que o saber e a crença do enunciatário estão em jogo com as do enunciador. Nesse caso, esses esquemas estão organizados pelo fazer persuasivo do enunciador e pelo fazer interpretativo do enunciatário. Sendo assim, é possível entender que os dois actantes do enunciado se relacionam num processo, um ato epistêmico o qual, para Greimas (2014, p. 130), é uma transformação, ou seja, “a passagem de um estado de crença para outro”, constituindo-se um acordo de construção de um efeito de verdade em que ocorre uma identificação com os valores transmitidos no texto. Esse processo de reconhecimento da verdade acontece dentro do discurso por meio das estratégias argumentativas usadas pelo enunciador para fazer com que o enunciatário aceite os seus valores. Portanto, a veridicção considera dois esquemas: o parecer/não parecer, que é chamado de manifestação e o do ser/não ser, de imanência. Essa relação compõe o jogo da verdade no discurso e o sujeito participante dessa interação sofre e age decidindo o ser do parecer. Além disso, vale ressaltar que “apreender o discurso ao modo do ser/ não ser é apreender o seu componente ideológico, ou seja, apreendê-lo como um efeito das manipulações modais que o engendram” (BALDAN, 1988, p. 50) e isso explicita a manipulação da verdade no texto que é feita pelo enunciador que busca persuadir o enunciatário, por isso o contrato fiduciário

estabelecido revela também o componente ideológico presente nele. Dessa forma, os níveis de manifestação e de imanência, que são apreendidos a partir dessa interação, constituem o jogo intradiscursivo que ocorre ao longo do texto.

Soma-se ao pressuposto teórico, o apontamento feito por Landowski (1992) acerca de dois regimes do crer presentes no discurso. Há o regime da crença (no dito), que corresponde aos arranjos e os mecanismos empregados no enunciado e o regime da confiança (no sujeito) que corresponde a uma identificação com o sujeito que diz. Segundo Gomes (2019, p. 19): “A compreensão desses dois regimes permite compreender como se pode acreditar no dizer do outro: de um lado, há uma ênfase no inteligível, na razão e, de outro, no sensível, nos afetos”.

Portanto, pode-se afirmar que a construção do dizer verdadeiro envolve uma interação que expõe os valores e as ideias, ou seja, o componente semântico, mas também envolve um componente pragmático quando se observa a relação do discurso com as concepções culturais presentes na linguagem. Feitas as considerações sobre a veridicção, serão explicitados os recursos argumentativos para fazer crer, que corresponde ao componente sintático do conteúdo do texto no nível discursivo.

1.3. Os recursos argumentativos

Os recursos argumentativos são as estratégias lançadas pelo enunciador para fazer com que o enunciatário julgue o seu discurso como verdade. Conforme afirmado acima, há dois componentes que envolvem a produção do discurso: o inteligível e o sensível. Discini (2015) e Gomes (2019) afirmam que esses dois componentes estão presentes em graus diferentes no discurso, dependendo do estilo do produtor.

O componente inteligível diz respeito à “competência do enunciador em reunir e arranjar as provas, dados, documentos, organizar logicamente causalidades, justificativas, explicações, selecionar e encadear percursos temáticos e figurativos que vão construir a verdade do discurso, objeto possível de crença pelo destinatário” (GOMES, 2019, p. 19). O componente sensível diz respeito “às paixões, aos afetos, às identificações, à criação de uma imagem confiável do enunciador e à aproximação com o enunciatário, atendendo a uma falta ou fazendo-se promessa de alcance dos valores de busca” (*Idem*).

Nesse sentido, como proposto na hipótese no início dessa seção e os resultados encontrados, serão explicados os recursos mais inteligíveis. Eles foram catalogados por Gomes (2019), porém, no contexto das *fake news*. Nesse caso, o *corpus* da pesquisa compõe as notícias do Uol Confere, uma outra perspectiva de análise, mas os recursos mostrados pela autora podem contribuir para esta pesquisa. Entre eles estão: a desqualificação do dizer contrário ao que se afirma no enunciado, a construção da ancoragem de tempo, lugar e pessoa, a modalização por um saber ser (ausência da dúvida, da possibilidade etc.). Além desses, acrescentamos um último, catalogado por Barros (2019), que é a alusão a outros textos e discursos, como os procedimentos de intertextualidade. Cada um deles será explicado com exemplos.

A desqualificação do dizer contrário ao que se afirma no enunciado é uma estratégia que caracteriza a competência do enunciador em defender a verdade de seu discurso. Isso ocorre quando o enunciador constrói o perfil do sujeito que é contrário aos seus valores, colocando em questão a competência deste em relação àquele. Por exemplo, quando, em um debate político de eleição, conclui-se e afirma-se que um candidato é mentiroso, ao comparar seu discurso com as suas ações, retira-se, então, a credibilidade do seu dizer, a possibilidade de resposta.

Outro recurso é o da ancoragem de tempo, lugar e pessoa, que corresponde às indicações exatas das pessoas e espaço a que o discurso se refere, reconhecíveis pelo enunciador, de modo a fazer crer na verdade e realidade dos fatos narrados. (GOMES E MANCINI, 2007, p. 10) Por exemplo, o argumento de autoridade, em que se ancora em um especialista do assunto como forma de legitimar a credibilidade de uma informação transmitida. Além desses, a modalização por um saber ser, que também é uma consequência do recurso anterior, pois ao atribuir voz a um especialista, o enunciador está construindo um perfil de um sujeito que domina o assunto abordado.

O último é a intertextualidade, que é o diálogo entre os discursos, uma estratégia muito utilizada para desmascarar discursos mentirosos (BARROS, 2019). Como define Campo (1995, p. 2): “Intertextualidade é a retomada, consciente, intencional, da palavra do outro, mostrada, mas não demarcada no discurso da variante.” A agência faz uma retomada consciente do texto original para confrontar as informações e, assim, verificar a credibilidade delas. No caso, o exemplo pode ser as próprias *fake news* que dão informações descontextualizadas. Essas informações são desmentidas ao serem comparadas com o seu contexto original.

Como observaremos nas análises, na agência UOL Confere os recursos inteligíveis foram os escolhidos para a verificação, visto que é com eles que se revelam as mentiras e os enganos presentes nos discursos (BARROS, 2019). Por esse motivo é que se procurou, nesta pesquisa, investigar a recorrência deles. Delimitadas as estratégias do enunciador, é o momento, então, de pressupor as do enunciatário, com o seu fazer interpretativo.

1.3. O julgamento da verdade

Os efeitos de verdade se constroem a partir da negociação entre enunciador e enunciatário. Este julga os valores e mecanismos utilizados, interpretando o fazer persuasivo daquele e atribuindo uma avaliação. No entanto, essa relação não se conjuga de uma única maneira, pois há diferentes perfis de sujeitos presentes no discurso e a forma de se construir e julgar a verdade também é diferente. Portanto, é válido o questionamento feito por Soares e Mancini (2021, p.142): “Se os enunciadores têm estratégias distintas para atender às expectativas dos enunciatários, não são distintos os resultados desse jogo da verdade mesmo quando, a princípio, estamos diante das mesmas combinações de parecer e ser?”

Esse questionamento possibilita pensar em outros gradientes além da perspectiva dicotômica proposta pelo quadrado semiótico. Para isso, é preciso pensar nos fatores que regem e interferem nesse julgamento, por isso a contribuição da abordagem tensiva se torna fundamental para ampliação da análise, porque ela considera a interferência do componente sensível na construção do sentido. Partindo dessa constatação, entende-se que há diferentes pareceres e seres, reconhecendo, então, as diversas manifestações e imanências presentes nos textos. Isso pode ser determinado pelo “acréscimo de mais e de menos, e por sua posição na curva tensiva” (SOARES; MANCINI, 2021, p. 10). Essa combinação resulta nos seguintes intervalos: parecer muito, parecer pouco, não parecer nada e quase parecer, no eixo na manifestação; até é, é exatamente, quase é e não é de forma alguma, no eixo da imanência. Desse modo, pode-se verificar impactos diferentes nas mais diversas relações entre essas combinações, algo que é esperado e confirmado, por exemplo, “parece” e “é”, “quase parece” e “até é”, e algo que é totalmente imprevisível como o “parecer muito” e “não ser de forma alguma”. Analisar essas gradações permite entender o grau de intensidade construído pelas diversas formas de verdade, falsidade, segredo e mentira.

Essas gradações presentes nas modalidades veridictórias dão conta das várias formas de construção do dizer verdadeiro. Além disso, possibilitam aprender a dimensão sensível que também compõe o contrato entre enunciador e enunciatário, uma vez que os recursos utilizados nessa relação determinam as maneiras distintas de compreender a veridicção. Dessa forma, esses pressupostos teóricos auxiliam na verificação do contrato proposto pela agência, porque o enunciador recorre a estratégias culturalmente estabelecidas, conforme afirma Soares e Mancini (2021, p. 137): “Em suas projeções, os enunciadores recorrem a marcas cristalizadas culturalmente e compartilhadas com seus enunciatários, que moldam esse efeito de sentido de verdade.” Demarcados os julgamentos do enunciatário, pode-se caracterizar e detalhar o *corpus* da pesquisa.

1.4. A estrutura das notícias do Uol Confere e metodologia da pesquisa

Na página da agência, há as seguintes informações:

O UOL Confere é a divisão do UOL para checagem e esclarecimento de fatos. Tendo como norte os Princípios Editoriais presentes no Manual de Redação da Folha e o Código de Princípios da IFCN (International Fact-Checking Network, rede que reúne veículos especializados em checagem ao redor do mundo), o UOL Confere e os jornalistas que o integram respeitam os seguintes parâmetros: independência; pluralismo; apartidarismo; interesse público; transparência em relação às fontes consultadas; transparência sobre financiamento e equipe; metodologia transparente; compromisso com uma política de correções clara.

O órgão de verificação é “uma iniciativa do Uol para combater e esclarecer as notícias falsas na internet” (Uol Confere, trecho que sempre vem no final das notícias). As notícias do Uol Confere possuem uma estrutura predefinida, para esclarecer os procedimentos de investigação das informações. Ela é dividida em cinco tópicos. O primeiro chamado “Por que investigamos?”, em que se faz o detalhamento do motivo das investigações; o segundo, “Como verificamos?”, traz a análise dos dados das *fake news* e a certificação deles, por meio da consulta de fontes confiáveis, além de entrevistas com especialistas; o terceiro é a própria verificação, com o detalhamento das incongruências das informações, dados sobre o autor e as repercussões geradas pela notícia; o quarto é o contexto, com a especificação do trabalho da agência no enquadramento dos discursos mentirosos e o quinto é o alcance, em que se mostram

os números de compartilhamentos nas redes sociais. As notícias podem ser acessadas por meio do link < <https://noticias.uol.com.br/confere/>>

O processo de checagem também é descrito de forma transparente na mesma página citada no início da seção:

Depois da escolha do conteúdo a ser checado com base nos critérios descritos acima, o UOL Confere dá prioridade à consulta de fontes públicas e confiáveis para verificar se o conteúdo está correto ou não. Com o uso deste tipo de fonte, quem lê as checagens também pode acessar as mesmas informações que nós acessamos.

Fazemos entrevistas com especialistas para aprofundar a compreensão sobre um assunto ou verificar o que não for possível checar ou entender por meio de fontes públicas. Também consultamos checagens e reportagens feitas por outros veículos dentro e fora do Brasil. Em todos os casos, as fontes utilizadas sempre serão mencionadas. (Uol Confere, Conheça o método de checagem e a política de correções do UOL Confere, Uol, São Paulo, 21/07/2021, disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2021/07/21/conheca-o-metodo-de-checagem-e-a-politica-de-correcoes-do-uol-confere.htm>>

Desse modo, a agência faz essa checagem com uma classificação previamente estabelecida, conforme os rótulos abaixo, expostos no seu próprio site:

Quadro 1: Rótulos de verificação da Agência UOL Confere

1. **Falso:** a categoria se aplica a conteúdos desmentidos de forma objetiva por informações consultadas junto a fontes confiáveis, de preferência públicas;
2. **Insustentável:** usada apenas para declarações. Se aplica quando não há nenhum dado público que possa sustentar a alegação checada;
3. **Sem contexto:** conteúdos que omitem informações importantes para serem entendidos corretamente;
4. **Distorcido:** usada para conteúdos verdadeiros que são retirados de seu contexto original com o objetivo de enganar quem os recebe;
5. **Verdadeiro:** usada quando verificamos que o conteúdo é factualmente correto depois de confrontado com fontes públicas e confiáveis.

Fonte do quadro acima: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2021/07/21/conheca-o-metodo-de-chechagem-e-a-politica-de-correcoes-do-uol-confere.htm>

Todos esses rótulos dizem respeito à maneira como as informações são julgadas, deixando a dicotomia verdadeiro e falso e assumindo os diferentes modos de avaliação dos conteúdos. Essa classificação construída pela agência pode ser semiotizada, ou seja, interpretada segundo as categorias da semiótica, que são as modalizações veridictórias sob as categorias do ser e do parecer. Através do detalhamento feito anteriormente, pode-se chegar a seguinte forma:

Quadro 2: Correspondências entre os rótulos do UOL Confere e as categorias tensivas da veridicção

1. **Falso:** parece, mas não é;
2. **Insustentável:** quase parece, mas não é;
3. **Sem contexto:** até parece, mas não é exatamente;
4. **Distorcido:** parece muito, mas não é exatamente;
5. **Verdadeiro:** parece e é. (o que é.

O quadro acima é uma demonstração da possibilidade de aplicação da teoria. Os cinco termos semiotizados mostram como é feito o julgamento dessas informações. Essas diferentes

avaliações indicam que as aferições da agência compreendem que não há uma única forma construir a verdade e que essas distinções tornam o trabalho de verificação cada vez mais rigoroso e atento aos detalhes. Nesse sentido, pode-se concluir que as notícias do Uol Confere possuem uma estrutura já esquematizada e as avaliações que ela faz obedecem a critérios avaliativos preestabelecidos.

Após o detalhamento da estrutura e das avaliações das notícias, convém explicar a metodologia empregada na pesquisa. Foram recolhidas aleatoriamente 10 notícias nos meses de setembro e outubro de 2021, período em que as notícias acerca da vacinação e da pandemia se intensificaram. A análise feita foi qualitativa, por meio da verificação da recorrência dos recursos mais inteligíveis, aplicando os fundamentos teóricos-metodológicos da semiótica. O *corpus* é composto:

Quadro 3: Catalogação do *corpus* com as notícias recolhidas do Uol Confere

notícia	classificação	Data de publicação	Link de acesso
Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da Covid	Distorcido	22/10/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/22/infectologista-engana-ao-comparar-imunidade-de-outros-virus-com-o-da-covid.htm
Comparar mortes por Covid em 2020 e 2021 não indica ineficácia da vacinação	Distorcido	26/10/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/26/comparar-mortes-por-covid-em-2020-e-2021-nao-indica-ineficacia-da-vacinacao.htm
Susana Vieira não declarou apoio a Bolsonaro; atriz criticou o governo	Falso	26/10/2021	https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/10/26/post-antigo-no-facebook-engana-ao-dizer-que-susana-vieira-apoia-bolsonaro.htm

Frase de Nobel de Medicina é distorcida em favor do 'tratamento precoce'	Distorcido	27/10/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/27/frase-de-nobel-de-medicina-e-distorcida-para-favorecer-tratamento-precoce.htm
Antiviral em teste da Pfizer não tem ivermectina na fórmula	Falso	25/10/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/25/antiviral-em-teste-da-pfizer-nao-tem-ivermectina-na-formula.htm
É falso que órfãos da Polônia são usados em experimentos de vacinas	Falso	29/10/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/29/e-falso-que-orfaos-da-polonia-sao-usados-em-experimentos-de-vacinas.htm
CDC não disse que imunidade natural é superior à vacinal, como sugere post	Falso	01/11/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/11/01/cdc-nao-disse-que-imunidade-natural-e-superior-a-vacinal-como-sugere-post.htm
Post inventa que Lula é acionista da Folha de S. Paulo	Falso	05/11/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/11/05/post-inventa-que-lula-e-acionista-da-folha.htm
Petrobras omite aumentos em vídeo que explica preço da gasolina	Sem contexto	12/11/2021	https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/11/12/petrobras-omite-aumentos-em-video-que-explica-preco-da-gasolina.htm

É enganoso que vacinação ampliou a taxa de mortalidade por covid-19	Distorcido	30/11/2021	https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/11/30/e-enganoso-que-vacinacao-ampliou-a-taxa-de-mortalidade-por-covid-19.htm
---	-------------------	------------	---

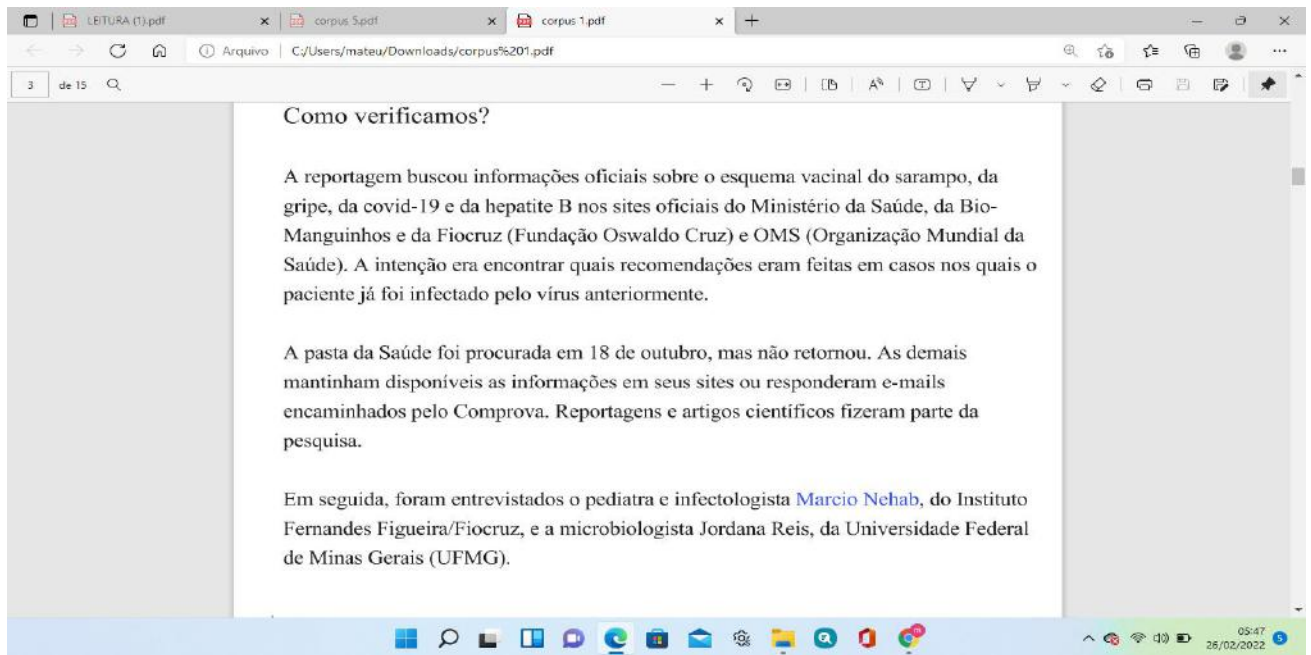
ANÁLISES DAS NOTÍCAS

Nesta seção, serão exemplificados com o *corpus* os recursos inteligíveis mais recorrentes na análise. Além disso, também se detalhará como essas categorias aparecem nas

notícias. Por fim, o objetivo principal da pesquisa, que é delimitar o conceito de veridicção do órgão de verificação.

O primeiro, que é utilizado em todas as notícias, é a modalização por um saber ser, que apareceu em todas as elas. Isso revela um enunciador que busca provar a credibilidade mediante a sua competência em reunir dados, buscar comprovações em pesquisas e estudos e recorrer à autoridade de um assunto para legitimar o seu conhecimento. É o que acontece nos dois exemplos escolhidos abaixo, que são do tópico *Como verificamos?* das notícias “Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da Covid” (UOL Confere, 22/10/2021) e “Comparar mortes por Covid em 2020 e 2021 não indica ineficácia da vacinação” (UOL Confere, 26/10/2021). As duas foram consideradas pela agência como enganosas/distorcidas. A primeira é uma investigação sobre um tuite de um infectologista que afirma que não há necessidade de se preocupar com a imunização, uma vez que a pessoa foi infectada, e ele sustenta essa afirmação comparando o vírus da covid 19 com o da gripe e de outras doenças, afirmando que a imunidade natural é suficiente para proteger o corpo de uma outra infecção. A segunda é uma investigação de um tuite que diz que as vacinas não têm eficácia e faz isso comparando o número de mortes em 2020 e 2021. Para analisar esses conteúdos, a agência informa o que ela fez como mostram as figuras abaixo.

Figura 1: Print da página da notícia “Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da Covid”.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/22/infectologista-engana-ao-comparar-imunidade-de-outros-virus-com-o-da-covid.htm>. Acesso em 26/02/2022.

Figura 2: Print da notícia “Comparar mortes em 2020 e 2021 indica ineficácia de vacina”.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/26/comparar-mortes-por-covid-em-2020-e-2021-nao-indica-ineficacia-da-vacinacao.htm>. Acesso em 26/02/2022.

Na figura 1 e 2, há os textos (não muito legíveis neste print), que mostram a checagem dos dados das informações analisadas. Primeiramente, as duas começam com a busca por informações oficiais (“A reportagem buscou informações oficiais sobre o esquema vacinal do sarampo ...”, na figura 1, e “O Comprova buscou informações sobre o caso...”, na figura 2), mostrando que o enunciador reúne dados oficiais para a investigação. Além disso, também convoca especialistas por meio de entrevistas (pediatra e infectologista e uma microbiologista, na primeira matéria citada e dois infectologistas, na segunda), para criar um efeito de credibilidade no seu dizer, como um saber comprovado cientificamente e legitimado por dados oficiais e especialistas. Portanto, pode-se afirmar que esse é um dos primeiros recursos que é utilizado nas aferições.

O segundo é a desqualificação do dizer contrário ao enunciado da agência verificadora, que se caracteriza pela construção do perfil do sujeito produtor do discurso julgado pela agência. É o que acontece na notícia já apontada “Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da Covid” (UOL Confere, data de publicação). Cabe a visualização da capa dela:

Figura 3: Print de fragmento da matéria “Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da covid”



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/22/infectologista-engana-ao-comparar-imunidade-de-outros-virus-com-o-da-covid.htm>. Acesso em 26/02/2022.

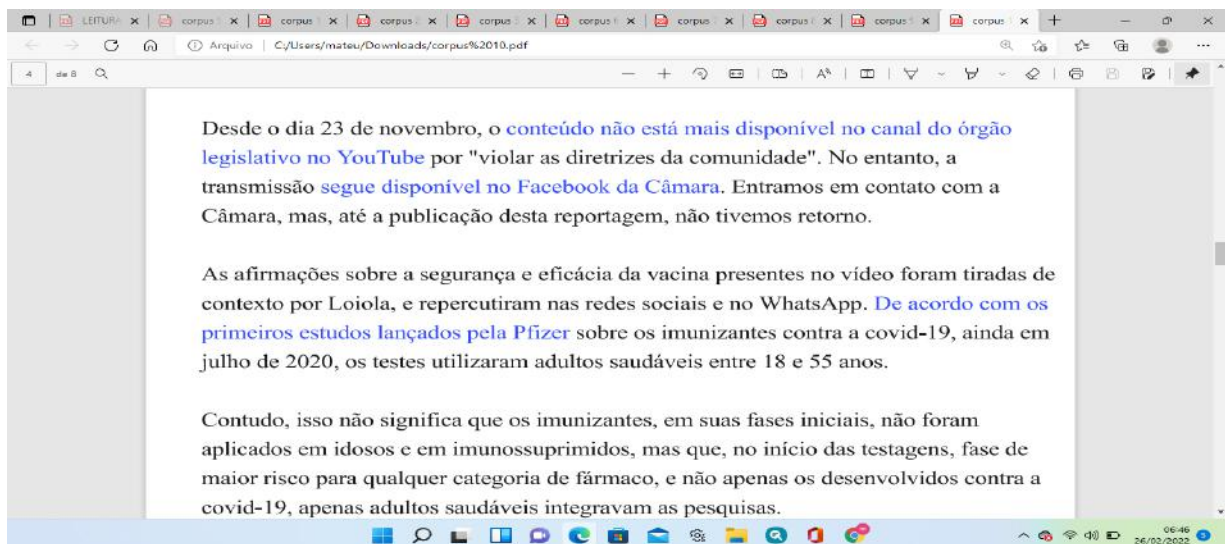
Já no título, há uma ênfase ao infectologista colocado como um sujeito enganador. Isso vai se confirmando ao longo da notícia ao informar que, apesar de suas credenciais relacionadas à profissão médica, ele se baseia em impressões e em tratamentos sem comprovação científica:

Francisco Eduardo Cardoso Alves é especialista em Infectologia pelo Instituto Emílio Ribas e diretor-presidente da Associação Nacional dos Médicos Peritos da Previdência Social (ANMP). Defensor do "tratamento precoce" com medicamentos que não possuem eficácia comprovada contra a covid-19, foi ouvido pela CPI da Pandemia, onde defendeu a prática, em junho deste ano. (*Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da covid*, UOL CONFERE, 2022)

Nesse contexto, o autor do *post* investigado é colocado como “médico defensor do ‘tratamento precoce’”. Esse perfil é construído pelo órgão de verificação através da identificação dos temas e valores presentes no *post*, os quais revelam o grupo a que esse enunciador, identificado como infectologista, pertence. O emprego das aspas assinala a distância que o enunciador mantém em relação ao dizer do médico, desqualificando o tratamento precoce por um saber não ser. Assim como afirma Barros (2019, p.10): “O emprego de temas e figuras determinam ideologicamente os textos e indicam a classe, a camada social, o grupo de que o enunciador faz parte”. Essa estratégia de construção do perfil do produtor do discurso faz com que o seu dizer seja desqualificado, porque se baseia em saberes não comprovados cientificamente.

A mesma estratégia é verificada em “É enganoso que a vacinação ampliou a taxa de mortalidade por Covid-19” (UOL Confere,29/10/2021), notícia em que se verifica uma informação enganosa a respeito da vacinação. Nela, um médico (Alessandro Loiola) faz uma alegação retirada do contexto, como mostra essa imagem da página:

Figura 4: Print de fragmento da notícia “É enganoso que a vacinação ampliou a taxa de mortalidade por Covid-19”



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/11/30/e-enganoso-que-vacinacao-ampliou-a-taxa-de-mortalidade-por-covid-19.htm>. Acesso em 26/02/2022

No segundo parágrafo, há todo um detalhamento sobre o conteúdo investigado, afirmando que Loiola o tirou do contexto, para favorecer uma outra interpretação. Outro mecanismo para desfazer essa alegação enganosa é a construção do perfil desse médico:

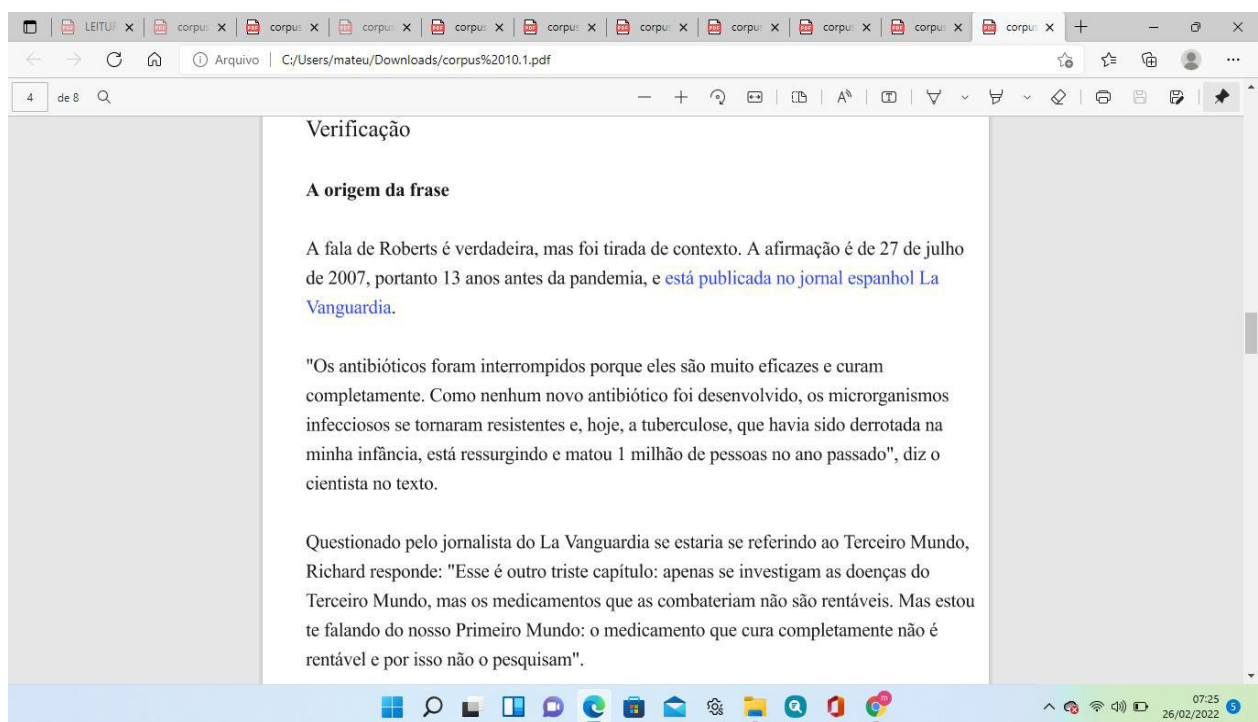
Loiola é formado pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (Emescam), no Espírito Santo. No site do Conselho Federal de Medicina (CFM) constam três registros em seu nome, em diferentes estados: Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo/ O médico tem dezenas de milhares de seguidores nas redes sociais, como o Twitter e o Instagram, onde já fez diversas postagens relacionadas à pandemia de covid-19, falando em "riscos da vacina" e contra o uso de máscaras.

Essa construção do perfil do sujeito produtor do discurso permite enquadrá-lo nas suas escolhas, para desqualificar o seu dizer. Nesse caso, um sujeito se declara médico, mas é contra o uso de máscaras e é cético em relação às vacinas. Esses protocolos são comprovados cientificamente e isso revela uma atitude incoerente do médico e a agência destaca essa contradição.

A terceira estratégia é a ancoragem de tempo, espaço e pessoa, que ocorre, principalmente, nas análises de informações enganosas/distorcidas, como se procede na notícia “Frase de Nobel de medicina é distorcida para favorecer ‘tratamento precoce’” (UOL Confere, 30/11/2021), em que há a investigação de outra informação que circula na internet, considerada enganosa. Nesta, uma frase do Nobel de Medicina, que falava sobre a rentabilidade dos medicamentos, é retirada do contexto para favorecer o tratamento precoce da covid-19, argumentando que não há investimento em medicamentos para o tratamento da doença por causa dos lucros obtidos com a vacinação em massa. No decorrer da verificação, há a

ancoragem temporal e espacial da fala do cientista, que descontrói a concomitância criada pelo sujeito produtor da *fake news*, que coloca a afirmação como algo dito no período da pandemia do coronavírus: “A fala de Roberts é verdadeira, mas foi tirada de contexto. A afirmação é de 27 de julho de 2007, portanto **13 anos antes da pandemia**, e está publicada no **jornal espanhol La Vanguardia**”. Como pode ser observado na imagem, com parte da verificação da informação:

Figura 5: Print de fragmento da notícia “Frase de Nobel de medicina é distorcida para favorecer ‘tratamento precoce’”.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2021/10/27/frase-de-nobel-de-medicina-e-distorcida-para-favorecer-tratamento-precoce.htm> acesso em 26/02/2021

A ancoragem temporal e especial permite a localização do discurso citado no *post* e, com isso, estabelece outro recurso, como a intertextualidade e a interdiscursividade com o discurso do cientista que, na verdade, fazia uma declaração sobre antibióticos, mostrando que a menção feita a ele é incorreta e está descontextualizada. A estratégia de apontar as incoerências entre as vozes presentes no discurso é uma realização de um saber que foi omitido ou distorcido para conduzir a outra interpretação, algo muito comum nas *fake news*, já que se espera uma ingenuidade de seus leitores.

Outro mecanismo é a projeção de pessoa que corresponde à instalação de actantes dentro discurso. Ela pode ser feita pelo procedimento de debreagem actancial. Mas também

pode ser feita através de uma debreagem interna. Nesta, “o narrador dá a palavra a uma das pessoas do enunciado ou da enunciação já instalada no enunciado” (FIORIN, 2018, p. 66-67).

As debreagens internas são responsáveis pela produção de simulacros de diálogos nos textos, pois estabelecem interlocutores, ao dar voz a atores já inscritos no discurso. A debreagem de segundo grau cria a unidade discursiva denominado discurso direto e cria um efeito de sentido de verdade. Com efeito, o discurso direto proporciona ao enunciatário a ilusão de ouvir o outro, ou seja, suas “verdadeiras” palavras (FIORIN, 2018, p. 66-67).

No entanto, no discurso indireto é diferente:

(...) ouvimos a palavra de outro pela voz do narrador. Este pretende apresentar uma análise do que o outro disse. Há duas variantes básicas do discurso indireto: a variante analisadora de conteúdo e a variante analisadora da expressão. Naquela, o narrador apresenta o que foi dito (o conteúdo), despido de qualquer peculiaridade de expressão. Importa tão somente o conteúdo “objetivo” (FIORIN, 2018, p. 67).

Um exemplo desse propósito do emprego do discurso direto é, novamente, a notícia “Infectologista engana ao comparar imunidade de outros vírus com o da Covid” (UOL Confere, 22/10/2021), quando é feita a ancoragem de pessoa, que já foi até comentada anteriormente. Na verificação, o órgão entrevista um médico infectologista e uma microbiologista. Esses recursos utilizados reforçam também outros, pois ao fazer a projeção de pessoa, também se reforça a desqualificação do dizer do outro. Em outras palavras, nessa notícia, ao se fazer a ancoragem de pessoa em cientistas credenciados por instituições oficiais (O pediatra e infectologista Marcio Nehab e a microbiologista Jordana Reis), desqualifica-se o produtor da notícia falsa analisada, que também é médico, mas não tem a mesma qualificação dos entrevistados e ainda é defensor do tratamento precoce, que não tem comprovação científica.

Analisando a projeção de voz em segundo grau, acima citada, o enunciatário da agência, na entrevista, projeta a voz dos dois especialistas. Essa atribuição de voz se desenvolve tanto em discurso direto como indireto. O infectologista tem seu dizer reproduzido totalmente, criando um efeito de verdade, porque simula a reprodução do que ele disse exatamente:

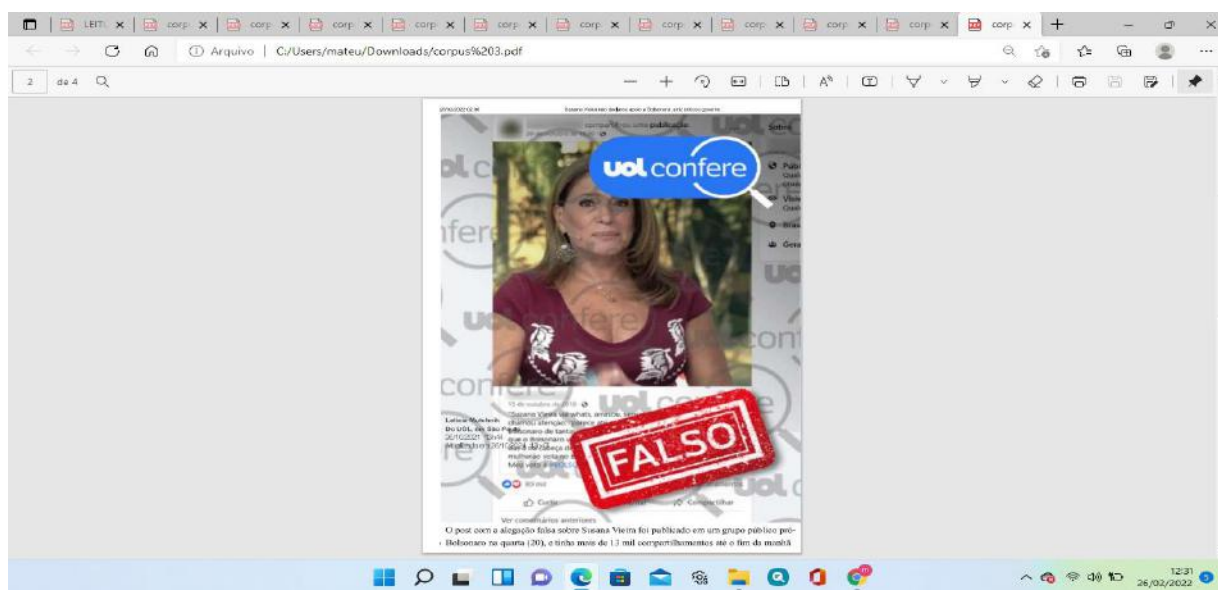
(...) O infectologista Marcio Nehab, afirmou ao Comprova que o poder de mutação (...) "As pesquisas ainda não mostraram por quanto tempo você está protegido contra a covid-19 depois de se recuperar da doença. A vacinação ajuda a protegê-lo, mesmo que você já tenha tido a doença, e a manter anticorpos circulantes por mais tempo", diz.

A microbiologista tem o seu dizer apropriado pelo narrador: "A microbiologista e professora da UFMG Jordana Reis relata que as evidências disponíveis sugerem diferenças na imunidade gerada pela infecção por covid-19 em relação a doenças como o sarampo e a febre amarela, neste caso, duradouras". O fato de apresentar uma debreagem interna em um e no

outro não, mostra um posicionamento do enunciador da notícia que favorece o discurso do infectologista, pois este afirma mais especificamente a eficácia dos imunizantes.

Por último, como exemplo, uma notícia, com alguns dos procedimentos já citados anteriormente.

Figura 6: Print da matéria “Susana Vieira não declarou apoio a Bolsonaro; atriz já criticou governo”.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/10/26/post-antigo-no-facebook-engana-ao-dizer-que-susana-vieira-apoia-bolsonaro.htm> acesso em 26/02/2022

O *print* acima é o da imagem da notícia do Uol Confere. A agência colocou uma foto do *post* com a etiqueta “falso”. O título da notícia é “Susana Vieira não declarou apoio a Bolsonaro; atriz já criticou governo” (UOL Confere, 26/10/2021) e, nela, há a verificação de uma *fake news* que afirmou que a atriz tinha manifestado apoio ao governo. Essa informação foi considerada falsa pela agência, porque alegava algo que a atriz não tinha dito, pelo contrário, ela tinha se posicionado contra o governo. Na análise, é feita uma ancoragem temporal de afirmações da atriz, registrando a anterioridade delas ao *post* do Facebook. A primeira, é feita em discurso indireto, na variante analisadora da expressão, na qual “o narrador pretende ressaltar particularidades de expressão, com vista a caracterizar o autor cujo discurso ele analisa” (FIORIN, 2018, p. 68): “Em maio deste ano, em entrevista ao jornal O Globo, a atriz foi perguntada se apoiava o governo Bolsonaro e declarou que não aprovava “**nada do governo de agora**”. Essa expressão entre aspas caracteriza a forma enfática com a qual a atriz não concorda com o governo. A segunda é feita em discurso direto, reproduzindo todas as palavras ditas, criando um efeito de realidade:

Em nova conversa com a publicação, em setembro, Susana foi questionada sobre sua avaliação do governo Bolsonaro e respondeu: "**Não posso ser a favor de qualquer governo que seja pró-armas, uma coisa que detesto.**" Em fevereiro, o presidente publicou decretos para facilitar o acesso a armas, e a legalidade das medidas está em julgamento no STF (Supremo Tribunal Federal)".

Essas duas explicitações das opiniões da atriz indicam os valores compartilhados por ela, por conta dos temas e figuras presentes. Isso mostra uma incompatibilidade com os valores atribuídos a ela no *post* caracterizado como falso. Por último, no final da notícia do Uol Confere, há outra debreagem interna em discurso direto, simulando até a indignação da atriz com as *fake news*, por meio das palavras em caixa alta e do uso de exclamações:

"Não acreditem em tudo que está na Internet... Recebi várias mensagens sobre declarações minhas no Facebook que eu nem tenho, que eu **NUNCA** falei e que eu **NÃO** concordo, inclusive!!! Estejam atentos! Fake News existem e são repassadas como verdade! Que absurdo!!!", publicou a atriz nos Stories."

Dessa forma, confirma-se mais uma vez o uso de estratégias do componente inteligível, como a ancoragem temporal, a construção do perfil do sujeito de um discurso (como alguém indignado) e da intertextualidade e interdiscursividade na contestação da autoria da informação.

É necessário ressaltar ainda a questão dos diferentes intervalos das avaliações, indicando como eles determinaram as escolhas dos recursos inteligíveis. No caso das notícias que investigaram conteúdos falsos (não parece e não é) houve, em maior expressividade, o uso da modalização por um saber ser e a ancoragem temporal, espacial e pessoal. Já em outras notícias que investigaram conteúdos distorcidos (até é verdadeiro, mas é exatamente) foram utilizados os recursos de desqualificação do dizer contrário ao enunciado, por meio da construção do perfil do sujeito produtor da informação distorcida. Além disso, o procedimento da intertextualidade ou interdiscursividade como forma de reconstruir as etapas que foram omitidas pelo enunciador do discurso julgado pela agência. Portanto, as diferentes avaliações também determinam as escolhas que o Uol Confere faz para desmascarar *as fake news*, visto que o jogo da verdade se constitui de diferentes formas.

Por fim, a agência Uol Confere faz as suas investigações conforme os seus valores e a sua maneira de interpretar as informações. Esses elementos presentes nas análises revelam a construção do seu próprio contrato de veridicção e os valores e as crenças a quem ele é dirigido, ou seja, a verificação do fazer persuasivo do enunciador da notícia permite identificar constantes culturais que correspondem a uma visão de mundo específica. Nas palavras de Soares e Mancini (2021, p. 4): "As estratégias se ancoram no próprio contexto cultural do que

é verossimilhança, e identificá-la é também pensar as marcas que revelam a visão de mundo de grupos sociais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises das notícias, verificou-se que a concepção de veridicção da agência se apoia no componente inteligível do discurso, isso se confirma nas estratégias utilizadas, como a comprovação em dados oficiais, o argumento de autoridade, a modalização por um saber ser, as ancoragens de tempo, espaço, pessoa, a intertextualidade, a construção do perfil do produtor do discurso como forma de desqualificar o seu dizer e a busca constante por provas e evidências durante a checagem das informações. Além disso, as escolhas temáticas e as delegações de vozes (discurso direto e indireto) que permitem identificar os valores compartilhados entre enunciador e enunciatário. Entre eles, estão a defesa da vacina e o destaque da ciência como detentora da verdade e de um saber ser. Dessa forma, esses resultados revelam que a construção do dizer verdadeiro das *fake news* não é nem desvelamento das mentiras e nem a revelação da verdade como fazem crer, mas se trata simplesmente de uma manipulação do discurso em favor de valores e posicionamentos tomados diante do universo biossocial. De outra maneira, as agências verificadoras também se posicionam frente aos valores sociais, também desvelam as mentiras e evidenciam os enganos, o que também mostra que a neutralidade do discurso, na verdade, é um efeito de sentido. Vale ressaltar a interferência que os diferentes intervalos têm na delimitação do contrato de veridicção do Uol Confere. Primeiro, porque eles ressaltam o modo como a agência interpreta as informações, buscando comprovações, certificando-se dos dados. Segundo, porque mostram os graus de intensidade contido em cada um deles.

Em síntese, pode-se afirmar em relação às hipóteses que há uma sobreposição dos recursos inteligíveis em relação aos sensíveis, uma vez que o autor pressuposto no texto se baseia apenas em comprovações, provas e evidências das informações. Ademais, a estratégia mais utilizada pelo enunciador é a comprovação científica, com base em dados oficiais, pois considera a ciência como detentora da verdade e o núcleo temático das investigações giram em torno da eficácia das vacinas e da exaltação da ciência, revelando os principais posicionamentos do enunciador da agência. Em relação à notícia “Susana Vieira não declarou apoio a Bolsonaro; atriz criticou o governo” (Uol Confere, 26/10/2021), a única cujo tema não foi sobre a pandemia, foram utilizados também os recursos argumentativos inteligíveis como a debreagem de segundo grau, para criar um efeito de realidade na fala da atriz e a

intertextualidade com outras afirmações já feitas por ela para desmentir a informação passada no post. Por fim, é importante acrescentar que a agência classifica como falso o que para a Semiótica é a mentira, visto que solicita um parecer que não se confirma na imanência. Nesse sentido, essa pesquisa contribui para compreensão da construção da verdade no texto e colabora na explicitação dos recursos utilizados pela agência na aferição das informações. Esses dados ressaltam o que foi dito na introdução do trabalho: as relações entre enunciador e enunciatário, na perspectiva da pós verdade, estão sobredeterminadas pelo crer, supondo a ingenuidade deste em relação àquele. Portanto, cabe às agências recuperarem esse contrato e afirmar os saberes já consolidados em outros tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Regina Souza. *Toda bruxa pode ser fada: contribuições da teoria semiótica para o ensino de leitura*. [Dissertação de mestrado]. UFF. Niterói, 1996.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. *Elementos da análise do discurso*. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

GOMES, R. S.; MANCINI, Renata. [Textos midiáticos: uma introdução à semiótica discursiva](#). Atas do IX FELIN. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. Disponível em . Acesso em 28/02/2022.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BARROS, Diana L. P. D. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursos no ensino-aprendizagem na escola. *Estudos Semióticos*, São Paulo, 15, n. 2, dezembro 2019, p. 1-14. Disponível online em . Acesso em 28/02/2022.

BARROS, Diana L. P. D. Fake news e as "anomalias". *VERBUM*, v. 9, n. 2, setembro 2020, p. 26-41. Disponível em . Acesso em 28/02/2022.

GREIMAS, Algirdas J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EdUSP, 2014.

GOMES, R. S. Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2, p. 15-30, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165198>. Acesso em 25/02/2022

SOARES, V. L.; MANCINI, R. C. Una lectura tensiva de las modalidades veridictorias. *Tópicos del Seminario*, v. 1, p. 135-151, 2021.

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gardin. Veridicção: um problema de verdade. *Alfa*, São Paulo: p. 47-52, 1988. Disponível online em: acesso em 28/02/2022.

CONHEÇA o método de checagem e a política de correções do Uol Confere. São Paulo: Agência UOL Confere, 21/07/202. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2021/07/21/conheca-o-metodo-de-checagem-e-a-politica-de-correcoes-do-uol-confere.htm> Acesso em: 25/02/2022.

CAMPOS, Norma Discini de. Intertextualidade e conto maravilhoso. São Paulo: USP, 1995 [Dissertação de mestrado]

Folha de avaliação

MATEUS DA SILVA DIAS

DRE: 117213526

A VERIFICAÇÃO EM UOL CONFERE: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras com habilitação em
Português/ Literaturas

Data da avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Prof.^a Dr.^a. Regina Souza Gomes – Presidente da Banca Examinadora Universidade Federal do
Rio de Janeiro

_____ NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos avaliadores:
